

Algumas considerações sobre os intelectuais francófonos e o comunismo entre 1914 e 1956

Miguel Mendonça de Alvarenga ¹
(Universidade de Brasília – Brasília - DF – Brasil)
migmend@terra.com.br
orientador: Prof. Dr. Alex Calheiros

Resumo: O artigo versa sobre as relações entre os intelectuais franceses e o comunismo, entre 1914 e 1956. Nele, discuto o contexto histórico da fundação do Partido Comunista Francês, da Resistência, da Liberação, do início da Guerra Fria, com o foco na participação dos intelectuais nesses eventos. São retomadas discussões de cunho ético e político que se colocaram para essas pessoas por décadas, desde a Revolução ao imediato pós-guerra. Questões como engajamento, neutralismo, apoio ao socialismo, natureza da crítica que deveria ser dirigida ao stalinismo, posicionamentos assumidos pelos movimentos filosófico-culturais, pelas revistas da época. Tudo isso é abordado de alguma forma nesse artigo.

Palavras-chave: Comunismo; Intelectuais; França; Guerra Fria; Engajamento.

1. Considerações iniciais

Neste trabalho, pretendo discutir o contexto histórico e intelectual do comunismo francês no período que vai do início da Primeira Guerra Mundial (1914) à invasão da Hungria pela União Soviética (1956). Uma época importante para a filosofia do existencialismo marxista, que estudo. O foco do artigo será no papel dos intelectuais diante dos principais acontecimentos desse período. Também serão discutidas questões de cunho ético e político, como engajamento, stalinismo, socialismo. Meu trabalho se relaciona mais diretamente com os três citados na bibliografia: de David Caute, Herbert Lottman e Michel Winock. O premiado livro de Winock é uma referência mais recente para a discussão das questões que apresento no artigo, embora as outras não sejam menos significativas.

O Partido Comunista Francês (PCF) foi o único na Europa que conseguiu uma existência mais ou menos contínua desde 1920. Foram a sua atuação na Resistência e a derrota dos nazistas em Stalingrado que conferiram tanto prestígio ao comunismo na Europa (sobretudo) e no mundo do pós-guerra e da década de 1950. Movimento internacional que se constituiu como o principal espantinho dos governos ocidentais após o discurso de Churchill (1946) – no Westminster College, em Fulton, que deu origem à expressão “cortina de ferro”, para designar a cisão entre Ocidente e União Soviética – e da ascensão do feroz e reacionário Truman (substituindo o prudente Roosevelt e autorizando o uso da bomba atômica contra o Japão, bem como alimentando o que seria a Guerra Fria, a despeito das tentativas de Roosevelt de incluir a União Soviética na diplomacia da época e

¹ Mestrando em Filosofia pela UnB.

de se aproximar de Stálin, para evitar a confrontação).

Ao contrário do Partido Comunista Alemão (o segundo maior da época, atrás do russo), completamente aniquilado pelos nazistas a partir de 1933 e do italiano, jogado para fora de cena pelo fascismo, entre 1926 e 1943-44; ao contrário do Partido Comunista Espanhol (PCE), que teve apenas três anos de atividade real na República espanhola ou do inglês, que nunca impactou a vida política de seu país, hegemonizada pelos trabalhistas. Ao contrário de todos esses partidos, o PCF, de 1920 a 1968, pautou a política francesa continuamente, inclusive como um dos principais líderes da Resistência Francesa contra os nazistas, junto aos gaullistas.

O PCF destaca-se no movimento comunista internacional, juntamente com o PCI (Partido Comunista Italiano), pela forte presença dos intelectuais em suas fileiras, devido, mesmo, ao papel do intelectual e da alta cultura nessas sociedades. Diferente do anti-intelectualismo anglo-saxão ou, mais claramente, stalinista. De fato, o stalinismo plantou uma semente de anti-intelectualismo em todo o movimento operário internacional, desde a década de 1920. Dois dos principais traços de sua ideologia se contrapõem ao intelectual: o praticismo, que tem sua origem em um politicismo – Para ser provocativo, vale dizer que o stalinista leva ao paroxismo a noção arendtiana da “dignidade da política”, transformando-a em uma verdadeira sacralidade. O homem de ação é o verdadeiro herói, não o intelectual –. Outro elemento dessa ideologia é o obreirismo, que implica a crença em uma suposta superioridade do “saber operário”, do homem do povo, sobre o saber burguês do homem de letras. Nesse diapasão (não somente nele, claro) devem ser compreendidas as campanhas maoístas de reeducação dos intelectuais pelo trabalho, quando pensadores chineses eram conduzidos por guardas vermelhos a fazendas coletivas, onde eram ressocializados. Se quiséssemos um terceiro elemento, seria o coletivismo dessa ideologia, que, naturalmente, não reserva nenhum lugar ao homem, ao humanismo, ao indivíduo, ao ser racional. O indivíduo é subsumido pela classe e pela história, eis tudo.

Nos anos 1930, o Partido Comunista tornou-se uma força importante na Câmara dos Deputados: “En 1936, soixante-douze députés communistes étaient élus par 148700 suffrages (14,9% des voix) et en 1938, le nombre de ses membres s’élevait à 350.000” (CAUTE, 1967, p. 16), mas o apogeu mesmo se deu entre 1944 e 1947. Em novembro de 1946, 180 deputados comunistas foram eleitos por 26% do eleitorado, o que não era muito diferente de países como Itália e Grécia, recém-saídos da luta antifascista; e mesmo do Reino Unido, de alguma forma, onde Clement Atlee pôs fim à hegemonia conservadora com seu Partido Trabalhista, que estava em algum ponto à direita dos comunistas e bem à direita do que é hoje o trabalhismo britânico. Em

1947, o PCF contava com mais de 1000000 de militantes (dado oficial) . A partir disso, o Partido foi decrescendo em termos de membros e de eleitores. Ainda que em matéria de filiação excedessem em muito os outros partidos, foram sendo ultrapassados em matéria de eleitorado, sobretudo pelos gaullistas. Nas eleições de 1951 (contexto do livro que traduzo) e de 1956, o PCF levava 25% do eleitorado, 3% a menos do que François Hollande nas eleições francesas de 2012. A partir de 1958, passam a sofrer duras derrotas para os gaullistas e chegam a 1962 com apenas 6% do eleitorado.

2. O contexto de formação do PCF

Em 1914, mesmo entre os intelectuais, aqueles que se mostravam intransigentes, pacifistas e marxistas revolucionários formavam apenas uma pequena minoria. Para muitos comunistas da época, a própria Guerra Mundial era vista como uma guerra para por fim à guerra, ou como uma luta contra o militarismo, o imperialismo e a monarquia (alemães), como pensava H. Barbusse. O célebre jornalista Victor Serge foi um dos poucos, de acordo com Caute, que considerou incompreensível a capitulação dos socialistas, sindicalistas e, mesmo, dos anarquistas. Lembrava o caso Dreyfus e alertava para os perigos do militarismo francês. Guilbeaux era outro nome importante entre os pacifistas. Do lado alemão, é importante citar Karl Liebknecht, então deputado do *Reichstag* e primeiro a votar contra os créditos de guerra. Aplaudido por Lênin, tornou-se, por seu voto, o principal herói da esquerda internacional, mais admirado que o próprio Lênin, e não demorou a ser preso pelo governo alemão.

Com atuação durante a Primeira Guerra Mundial, é preciso citar a Associação Republicana de Antigos Combatentes (ARAC), que envolvia nomes como Raymond Lefebvre, Vaillant-Couturier e Georges Bruyère. Esse grupo agregava nomes importantes da esquerda da época em torno do projeto de lutar contra as “vontades arbitrarias da aliança dos ricos”. Embora esquerdista, esse grupo não reconhecia a importância de Lênin e do leninismo, ao contrário de Guilbeaux e Martinet. Entretanto, não demorou a cair sob controle comunista. Interessante ressaltar a divisão que grassava na classe operária francesa de então. Victor Serge lembra que a Revolução Russa e o abandono da Guerra pela Rússia não foram bem recebidos na classe operária francesa. Para ele, ao contrário, era a encarnação de sonhos há muito ansiados. Lefebvre e Guilbeaux também receberam-na bem. O entusiasmo com a Revolução Russa foi maior entre os intelectuais e mesmo os que sempre hesitaram quanto ao comunismo, sendo vistos como idealistas, celebraram-na. Nomes como Jean-Richard Bloch e Longevin.

Muitos intelectuais francófonos foram para a Rússia, tais como: Guilbeaux, Jacques Sadoul,

Lefebvre e Victor Serge. Este último – homem de vasta cultura e importante até hoje para a reflexão marxista – apoiou o terror vermelho como única arma disponível contra o terror branco e considerou a ditadura do proletariado, tal como concebida em termos leninistas, provisoriamente necessária, constituindo-se como um dos principais apologetas do bolchevismo.

A política reacionária dos governos britânicos e francês, além do conservadorismo dos socialistas majoritários, impediu a cisão entre os revolucionários leninistas e os idealistas de esquerda, que haviam formado uma aliança no início da guerra. Essa aliança de intelectuais denunciava: “la coalition féroce de la finance internationale qui cherchait à maintenir la classe ouvrière dans son esclavage séculaire” (CAUTE, 1967, p. 83).

O fim da I Guerra Mundial viu um aumento expressivo nas fileiras do Partido Socialista (sempre que utilizo esse nome, refiro-me à SFIO, Seção Francesa da Internacional Operária). Nos dois anos que se seguiram ao fim do conflito, o partido viu sua militância crescer de 34000 para 1330000 membros, o que não o impediu de ser derrotado nas eleições de 1919, passando de uma representação de 103 a 68 deputados. O radicalismo crescente do partido mostrou-se em fevereiro de 1920, quando a maioria (4330 a 337 votos) decidiu sair da II Internacional. Os anarco-sindicalistas também foram atraídos pelo bolchevismo: “En août 1920, Amédée Dunois écrivait: La guerre nous a fait sentir les limites de l’action économique proprement dite et l’importance immense de l’État” (CAUTE, 1967, p. 86).

Alguns dos intelectuais que foram mais ativos na campanha para a adesão da SFIO ao Komintern (III Internacional Comunista) foram Boris Souvarine, Vaillant-Couturier, Lefebvre, Martinet, Barbusse, Georges Pioch, Noël Garnier e Jacques Sadoul. Anatole France (1844-1924) foi o primeiro intelectual de renome internacional a dar seu apoio ao novo partido em 1921, o que lhe trouxe violentas críticas.

Os chamados idealistas (precursores de algumas posições como as que Sartre adotará no futuro) estavam mais próximos dos comunistas do que dos socialistas. Rolland não era comunista, mas criticava, por exemplo, a aliança dos socialistas alemães com os *Freikorps* (milícia fascista) e com as potências ocidentais, para reprimir os comunistas. Assim como Paul Longevin, um físico amigo de Einstein, pronunciava-se a favor das revoluções russa e alemã. Guéhenno e Duhamel, apesar de elogiarem de alguma forma o comunismo russo, não se submeteram a ele, por acreditarem que o socialismo francês deveria continuar independente e francês.

Após a fundação do PCF, muitos de seus intelectuais foram expulsos ou saíram ainda na década de 1920. As duas principais ondas de afastamentos se deveram a discordâncias no que

concernia às relações do partido com a III Internacional e com o trotskismo.

Um dos que foram para a oposição ao marxismo oficial foi Victor Serge e o mais notável é que o fez vivendo na União Soviética. O pensador constatava:

que la guerre civile avait détruit les libertés démocratiques et que la bureaucratie stalinienne avait perverti la Révolution. A la pensée marxiste, on avait substitué des formules stéréotypées; l'atmosphère spirituelle avait changé du tout au tout. Avant son premier emprisonnement, qui eut lieu en 1928, Serge avait été exclu du parti (CAUTE, 1967, p. 108).

3. A partir de 1930

Agora, escreverei um pouco sobre o partido nas décadas entre 1930 e 1950, mais ou menos. Um traço lembrado por Caute, que me chama a atenção é a presença de certo romantismo revolucionário, de um culto ao herói, tal como popularizado por Malraux. Sartre chegava a comparar os intelectuais do partido a uma ordem de cavalaria que designaria em suas fileiras “les héros permanents de notre temps” (apud CAUTE, 1967, p. 193). Também não é estranho a esse romantismo revolucionário um discurso dos intelectuais do partido (sobretudo os mais velhos) sobre família, religião, moral e pátria. Thorez se aproximou dos católicos em 1936 (época da Frente de Esquerda, de Léon Blum, contra a ascensão do fascismo na França), e Vaillant-Couturier escreveu, no mesmo ano “Le capitalisme détruit la famille, la disperse, la sabote”. Aragon se justificava, dizendo que os escritos de Engels sobre a família não constituíam um ataque a essa instituição enquanto tal. Garaudy dizia que os comunistas não desejavam privar a França de nenhuma de suas “dimensões espirituais”. Ainda se discute sobre o imediato pós-guerra ter sido ou não uma oportunidade perdida para os comunistas. Em outubro de 1945, o partido ganhou mais de cinco milhões de votos e 161 assentos na Câmara, tornando-se o maior partido parlamentar. Ainda assim, ganhou apenas cinco assentos no governo e nenhum deles era dos mais prestigiados: o Ministério do Interior e o das Relações Exteriores. Havia o peso das tropas norte-americanas na França ocupada; a chantagem do governo norte-americano, que condicionava o Plano Marshall à ausência dos comunistas em posições decisivas; a pressão dos soviéticos, que acolhiam de Gaulle e buscavam a estabilização das áreas de influência, frustrando, segundo alguns, as revoluções francesa e italiana. Assim, em janeiro de 1945, Thorez aprovou a dissolução das unidades armadas da Resistência; Fajon denunciou a tagalerice revolucionária; o partido desencorajou greves e pediu o aumento da produtividade.

É neste momento que as posições políticas de Jean-Paul Sartre tornaram-se mais

proeminentes, tendo escrito, por exemplo, a peça *Les Mouches*, em que satirizava os nazistas. Foi nessa época que “descobriu o calor da convivência com os homens” e passou a se identificar menos com sua personagem Roquentin de *A Náusea*. O movimento *Combat* foi um dos mais significativos da Resistência. Organizaram ações de sabotagem e paramilitares e também tinham a participação expressiva de intelectuais da época. Claude Bourdet, Camus, Pascal Pia (antigo mentor de Camus e editor de *Combat*) são alguns dos colaboradores mais próximos do movimento. Sartre e Simone de Beauvoir também participaram. Raymond Aron juntou-se mais tarde, como direita do grupo. Na “*Rive Gauche*”, Aron era o sociólogo conservador, weberiano.

Quando do fim da Guerra, as publicações comunistas eram as mais numerosas, dada a estrutura controlada pelos comunistas. Também houve numerosas transferências de publicações de outros lugares para Paris: Max-Pol Fouchet trouxe Fontaine da Argélia; *L'Arche*, revista rival patrocinada por Gide, também transferiu-se para Paris; o editor argelino Edmond Charlot veio com a sua empresa e logo rivalizava com os Gallimard na qualidade de seus autores e na importância dos livros que publicava:

René Tavernier veio de Lyon com *Confluences*, e Pierre Seghers, de Villeneuve-lès-Avignon, com *Poésie*. Convocado pelo Partido Comunista para editar *Ce Soir*; Louis Aragon convidou Jean Cassou a voltar e dirigir a revista mensal do partido, *Europe*; ausente, só Romain Rolland, seu fundador, que morreu a 30 de dezembro de 1944. O conselho editorial foi ampliado para incluir veteranos da Resistência e simpatizantes do PC como Vercors (LOTTMAN, 1987, p. 316).

As posições de Sartre sobre engajamento, que começaram a se delinear em *Les Temps Modernes*, quando do fim da guerra, suscitaram um vivo debate sobre a relação entre literatura e política, uma polêmica que encontra em Sartre (*Que é a Literatura?*) e em Paulhan dois paradigmas opostos do fazer literário. Para Sartre, a literatura deve ser, necessariamente, engajada, pois “As palavras são ‘pistolas carregadas’, portanto convém mirar com segurança e não atirar ao acaso, como uma criança” (WINOCK, 2000, p. 518).

É a ideia de situação. O escritor não escapa a seu tempo e cada palavra que escreve tem um efeito. Toda literatura, mesmo a de ficção, é “utilitária”, engaja. Completamente diferente de Paulhan, para quem a literatura era não apenas uma ideia não menos elevada, mas inteiramente distinta das preocupações sociais e políticas. Era a “arte pela arte”, o belo autônomo, como em Aristóteles.

Ao contrário do que se pensa, o poder da esquerda intelectual não é absoluto na França do pós-guerra. A direita “maurrasiana” sobrevive de alguma forma e tem em Pierre Boutang um de

seus nomes mais expressivos. Em 1947, escreve com Bernard Pingaud um livro crítico a Sartre, intitulado *Sartre é um possesso?* É a partir desse ano que a direita sai do escuro a que havia sido condenada pela Libertação. Os “petainistas” voltam à luz e surgem nomes como Paul Malliavin, diretor da revista *Écrits de Paris*; Jacques Chastenet, ex-diretor do *Temps*; Henry Bordeaux etc.

Les Lettres Françaises também foi uma importante publicação da época. A primeira após a Libertação, estreou em nove de setembro, como órgão do Comitê Nacional de Escritores (CNE). Seu manifesto trazia nomes como Georges Duhamel, François Mauriac e Paul Valéry, além de Camus, Éluard, Guéhenno, Michel Leiris, Jean Lescure, Paulhan, Queneau, Sartre, Aragon, Benda, Cassou, Malraux e Roger Martin Du Gard. A revista era um campo de combate entre as posições mais duras, que muitas vezes culminavam em fuzilamentos, e as mais brandas com os colaboradores. Sartre e Simone aprovaram a lista negra da CNE. Mesmo a publicação católica de esquerda *Esprit* defendia a punição dos inimigos do país. Mauriac foi quem passou a se opor, a partir de certo ponto, polemizando com Camus.

Lottman lembra que foram executadas importantes figuras da imprensa e do rádio, mas os escritores foram poupados. Nenhum foi fuzilado (até porque se esconderam enquanto ardia a febre de vingança dos franceses). Entretanto, escritores e jornalistas foram punidos “com toda a força da lei”, enquanto foi-se de extraordinária tolerância para com advogados, generais, almirantes, industriais e donos de jornais.

4. O contexto da Guerra Fria

Durante o ano de 1947 (ano em que começa a Guerra Fria), o PCF viu-se cada vez mais isolado. Votando contra o governo, foram cassados pelo presidente do Conselho, Ramadier. Além disso, a Rússia rejeitou o Plano Marshall, os socialistas se aproximaram dos americanos e o PCF dos russos. Aragon, o célebre poeta, então um dos mais famosos pensadores do Partido, lamentava publicamente o desperdício do que considerava a oportunidade do comunismo francês em 1944.

1948 foi um ano importante para a polarização ideológica na França e no mundo. O ano em que houve a cisão no movimento sindical francês entre os que apoiavam os comunistas e os que eram financiados pelos EUA, por meio da central sindical AFL-CIO. Era a época em que os comunistas criticavam implacavelmente o Plano Marshall. Charles Tillon, ex-ministro do Armamento, denunciava a subordinação das forças armadas e da independência da França aos EUA: “O partido norte-americano sabota nossa reconstrução industrial para evitar a crise dos trustes americanos, em troca de dólares que não resolvem nada” (WINOCK, 2000, p. 562).

Interessante mencionar alguns eventos mais ou menos notáveis da época. O primeiro era a tolerância do governo polonês para com os católicos, pelo menos antes do endurecimento da Guerra Fria, a partir de 1947-8. Outro era o êxito alcançado pelos soviéticos em países como a Bulgária, segundo Marcel Willard (intelectual do PCF à época), em termos de distribuição de terras, progressos da educação, destruição dos monopólios e dos elementos fascistas.

O que foi dito sobre Garaudy e seu percurso intelectual posterior poderia levar a crer que ele não fosse crítico do catolicismo à época, mas a verdade é que denunciava, por exemplo, o cardeal Mindszenty por pagar 140000 dólares para espalhar a subversão contra o regime esquerdista na Hungria.

No cenário do pós-guerra, surgiram dois grupos culturais mais importantes, que propunham uma alternativa tanto ao stalinismo quanto ao capitalismo. Os idealistas católicos reunidos em torno da publicação do *Esprit* e os existencialistas marxistas, em torno da revista *Les Temps Modernes*. Ambos eram marxistas e ansiavam a revolução emancipatória da classe universal (o proletariado) e de toda a humanidade. Uma vez perguntado se entraria na Resistência diante de uma hipotética ocupação soviética da França, Sartre dissera que jamais poderia levantar a mão contra o proletariado. Frente às revelações novas sobre os campos de trabalho soviéticos e à expulsão de Tito pelo Kominform; Sartre, David Rousset, Gérard Rosenthal e Albert Camus fundaram o *Rassemblement Démocratique Révolutionnaire* (RDR). Esse grupo constituiria uma Terceira Força, mas não sobreviveu à bipolarização da época. O RDR pretendia uma revolução emancipada da dominação comunista. Realizou um primeiro comício em 1948, ano em que ganhou impulso e se expandiu, mas o partido acabou por divergências entre Sartre e Rousset sobre o financiamento do caixa por americanos. *L'Observateur* acabou se tornando o principal jornal a expressar as idéias do RDR e, apesar do neutralismo, pedia para a URSS no contexto. Claude Bordet esclarecia: “O neutralismo serve à política russa na exata medida em que a URSS, neste momento, teme a guerra mundial e é a isso que nos prestamos muito espontaneamente” (apud WINOCK, 2000, p. 627).

O jornal era contrário à CECA (Comunidade Econômica do Carvão e do Aço) e ao chanceler Adenauer. Nomes importantes do processo que daria origem à União Europeia mais tarde. Em 1950, Sartre e Merleau-Ponty consideravam o comunismo russo “decadente”, mas acreditavam que sua concepção de conjunto e seu propósito continuavam carregados de promessas. Há uma linha de continuidade entre esse idealismo e o da década de 1920, de Rolland, por exemplo.

Como os antigos, os novos idealistas pensavam que o maior serviço que um intelectual poderia prestar ao comunismo era o da crítica amistosa. Muitas vezes, os católicos de esquerda

estavam teoricamente mais próximos do PCF que os existencialistas, tidos como revisionistas, apesar de divergirem mais em questões práticas.

O rompimento entre Iugoslávia e União Soviética foi impactante à época. A primeira fissura no bloco soviético. Os mais próximos ao Comitê Central e à direção da imprensa do Partido apoiaram Moscou, como sempre, mas o silêncio imperava para a maioria, inclusive Paul Éluard, que visitara e defendera a Iugoslávia. Sartre se perguntava: “Si Tito régnait par la terreur contre l’Histoire (c’est-à-dire contre la situation yougoslave objective) qui pouvait prouver que le Politburo soviétique ne faisait pas la même chose?” (CAUTE, 1967, p. 211).

A esquerda “idealista” tendia a apoiar a Iugoslávia, uma vez que o país aparecia como uma espécie de terceira via entre a URSS e os EUA. A ruptura entre Stálin e Tito também trouxe conseqüências importantes para os que estavam próximos ao comunismo, mas tinham preservado alguma independência quanto à criação cultural, tais como Robert Antelme, Dyonis Mascolo, Edgar Morin e Marguerite Duras. Havia aqueles que, como Pierre Courtade, eram céticos quanto ao stalinismo na vida privada (de acordo com Winock), mas, em público, defendiam a propaganda comunista, pelos grandes favores que recebiam do Partido. Edgar Morin foi um dos poucos comunistas que ficaram desconcertados com a condenação de Tito. Ele, Robert Antelme e Dyonis Mascolo. Pierre Courtade chegou a fazer esse incrível retrato de Tito:

Sedento de poder, embriagado pelas concepções hitleristas da ‘superioridade racial’, Tito ambiciona tornar-se o campeão da velha política expansionista da ‘Grande Sérvia’ e submete à sua ditadura todos os povos dos Bálcãs que lhes forem doados pelo Departamento de Estado [...] Tito reuniu o bando dos Trotski, dos Doriot, dos Mussolini... (apud WINOCK, 2000, p. 588).

Winock elenca alguns motivos para o fascínio que o PC exercia sobre os “corações puros”: oferecia um sistema de compensações para os cínicos, apresentava-se como o futuro da humanidade para os crédulos e se beneficiava dos efeitos que a Segunda Guerra ainda produzia na cabeça dos franceses. Escreve o autor poeticamente:

Os ex-resistentes não querem romper com o Partido dos Fuzilados; os resistentes da última hora compensam sua adesão tardia; e os que ficaram na expectativa, assim como a nova geração, jovem demais para ter lutado, também entram para o partido ou o acompanham nas lutas, para se justificarem a seus próprios olhos. Estão na guerra, afinal. O próprio radicalismo da Guerra Fria, adotado pelo Partido Comunista, tem seus encantos para os jovens sedentos de brio revolucionário, em busca de inimigo para derrotar e da fraternidade

que os aquece na vigília do combate. As barreiras impostas pelo Partido também atraem os amantes da disciplina e da moral: entram para o PCF em busca de uma regra, como outros entram para o convento ou para a Legião Estrangeira. Cada qual cultiva suas motivações, declaradas ou escritas. A paixão, a emoção, a sensibilidade, o mimetismo, todas as razões do coração escondem a razão. Contudo, muitos são arrancados do sonho, descerram os olhos conforme os fatos e as revelações sobre o ‘socialismo real’. A cisão de Tito constitui a primeira brecha; por ela, alguns olhares lúcidos lançam-se sobre o comunismo stalinista. Quase simultaneamente, a verdade quanto aos campos soviéticos desperta outras certezas” (WINOCK, 2000, p. 594).

A denúncia dos campos de trabalho forçado na URSS também trouxe reações distintas no seio da esquerda. David Rousset, antigo colaborador de Sartre no RDR, juntou provas e demonstrou o poder que a polícia secreta soviética tinha de condenar a até cinco anos de trabalho forçado pessoas consideradas “socialmente perigosas”. Camus considerava que os campos soviéticos não eram mais aceitáveis que os nazistas; alguns ficavam em silêncio; outros achavam se tratar de mera propaganda anticomunista; Sartre ponderava que a única questão que importava era saber se, denunciando os campos, trabalhava-se por ou contra a humanidade. Entretanto, ele e Merleau-Ponty corroboram a acusação de Rousset, em 1950, e estimam entre 10 a 15 milhões de detentos. Um cidadão a cada vinte.

Nesse contexto dos primeiros anos da Guerra Fria e da discussão sobre o papel que o intelectual deveria desempenhar frente à URSS, até que ponto deveria criticá-la, é interessante lembrar a posição de Camus, um filósofo que escrevera, em 1944, que o anticomunismo era o começo da ditadura. Em 1951, no *Homem Revoltado* escreve:

La contradiction ultime que la plus grande révolution de l’histoire ait connue n’est point tant, après tout, qu’elle pretende à la justice à travers um cortège ininterrompu d’injustices et de violences... Sa tragédie est celle du nihilisme, elle se confond avec le drame d l’intelligence contemporaine qui, prétendant à l’universel, accumule les mutilations de l’homme... A force de contestations, de luttas incessantes, de polémiques, d’excommunications, de persécutions subies et rendues, la cité universelle dès hommes libres et fraternels dérive peu à peu, et laisse la place au seul univers où l’histoire et l’efficacité puissent em effet être érigées en juges suprêmes: l’univers du procès. (apud CAUTE, 1967, p. 217).

Os ditos idealistas iam, progressivamente, afastando-se do comunismo. Claude Aveline considerava total e “inumana” a submissão do partido à URSS. Um pilar de sua ideologia estava

abalado, a crença de que a França seria o país melhor preparado para parir um novo socialismo, síntese do coletivismo soviético com o humanismo francês. A adesão total e acrítica do PCF a Moscou tirava-lhe a esperança nesse sentido. O afastamento também foi alimentado pelo furor dos ataques comunistas às suas posições, como quando Casanova (que coordenava a política cultural do PCF) acusou Cassou – muito admirado entre os comunistas – de ter tomado o partido de Rousset e Mauriac, anticomunistas. O próprio Cassou negava. Os próximos alvos das calúnias comunistas foram Nizan, Gide, Malraux, Sartre e Koestler. Kanapa dizia, por exemplo, de Gide, referindo-se a seu *Retour de l'URSS*, que ele não tinha gostado dos bolcheviques por não serem pederastas. Malraux foi vítima dos ataques de Aragon, que o acusava (sem razão) de ser omissos em relação ao fascismo. Pierre Harvé chama-o de cortesão de De Gaulle e compara sua oratória à de Hitler. Sartre, pela sua influência sobre os jovens, também era alvo dos comunistas. Garaudy escreveu: “Chaque classe a la littérature qu’elle mérite. La grande bourgeoisie agonisante se délecte avec les obsessions érotiques de (Henry) Miller ou les fornications intellectuelles de Jean-Paul Sartre” (CAUTE, 1967, p. 220).

A imprensa soviética evocava os “mestres imperialistas” de Sartre. Os soviéticos consideravam Sartre um agente da propaganda norte-americana.

1951 e 1952 (ano em que Sartre escreveu *Os Comunistas e a Paz*) foram importantes para a esquerda na França. Foi a época do chamado Movimento da Paz, quando, no contexto da Guerra da Coreia, muitos acharam que os EUA desejavam atomizar a URSS. Uma época de forte anti-americanismo na França, sobretudo entre os intelectuais de esquerda. O que deu início ao movimento foi a fundação da revista *Defense de la Paix*, dirigida por Pierre Cot e com Claude Morgan como redator-chefe. O movimento sensibilizou personalidades como Gérard Philipe, Autant-Lara, Yves Montand, Simone Signoret, Noël-Noël. Sartre chegou a recusar os direitos de produção de *Les Mains Sales*, sob o pretexto que faziam da peça um instrumento de propaganda da Guerra Fria.

Outro evento significativo na época, que é mencionado na troca de cartas que culminou com a ruptura entre Sartre e Merleau-Ponty é a ida do general Ridgway (vindo da Coreia) para Paris, no intuito de assumir o comando da OTAN. Uma campanha do PCF foi lançada, acusando-o de ter tomado a iniciativa da guerra bacteriológica. Foi na mesma época em que André Stil (redator-chefe do tradicional periódico comunista *L'Humanité*) e Jacques Duclos (chefe do PCF) foram presos sob alegações ridículas. No caso de Duclos, sua imunidade parlamentar sendo violada. Sartre reage a isso com ferocidade em *Os Comunistas e a Paz*. Esse era o cenário da expansão do macartismo para

a França. Os intelectuais também se mobilizaram contra a intervenção norte-americana no Irã (contra Mossadegh) e na Guatemala, tendo enviado carta com numerosas assinaturas, protestando junto à ONU.

Nesse contexto, é interessante escrever um pouco sobre Raymond Aron, também. O maior dos intelectuais conservadores da segunda metade do século XX francês. Um homem que, em seus próprios termos, havia sido intoxicado pela política e que se recusou a assumir uma cátedra em Toulouse para ficar mais próximo a ela em Paris. Esse, que foi um dos amigos mais próximos de Sartre, também foi, de acordo com Winock, um dos primeiros intelectuais a tomar um partido na Guerra Fria, enquanto muitos buscavam uma terceira via. Assume o tom moderado que não condiz com sua época, mas toma uma posição claramente a favor do Ocidente, não porque considerasse: “o bloco ocidental como o campo do Bem soberano, mas porque não alimenta nenhuma dúvida quanto à natureza enganosa e tirânica do comunismo stalinista” (WINOCK, 2000, p. 568).

Sua luta ideológica não era contra Marx, mas contra o marxismo, ao contrário da de Hannah Arendt, por exemplo, que incluía o profeta de Trêves, como fica patente em seu livros: *Da Revolução, Condição Humana* etc.

Aron via três condições para se desmascarar os objetivos dos partidos comunistas: “primeiro, o restabelecimento dos grandes equilíbrios econômicos, financeiros e monetários; donde, em segundo, a restauração de um poder de Estado; terceiro, a luta contra a ideologia comunista, decidida no próprio terreno das idéias e da propaganda” (WINOCK, 2000, p. 568).

Politicamente, Aron optava pelo general De Gaulle, apesar de não ser bonapartista como ele. Rejeitando o que chamava de “mito da revolução” e “mito da sociedade sem classes”, o sociólogo atacava com violência os intelectuais de esquerda. Assim, Aron acusava-os:

de traírem seus próprios valores quando se deixam dominar, ao mesmo tempo, por uma doutrina do século 19, que a História desmentiu, por um Estado cuja natureza totalitária deveriam considerar odiosa e por um partido que é seu representante e executante em nosso país (WINOCK, 2000, p. 568).

Winock lembra a disposição de Aron em lutar contra o imperialismo soviético, comprometido, no longo prazo, com a conquista do planeta. O sociólogo dizia que “a única maneira de evitar a guerra total é ganhar a guerra restrita”. E defendia, mesmo, o rearmamento da Alemanha, para fazer frente ao expansionismo soviético. Winock lembra que Stálin tentava apenas se defender com o bloco de democracias populares do Pacto de Varsóvia e alerta para o exagero de Aron.

Entretanto, o ensaísta não toca em uma questão que me parece central. Os movimentos de libertação nacional, e toda a disputa política maior da Guerra Fria, não eram conduzidos como marionetes pelas superpotências. O golpe de 1964, no Brasil, não se deve apenas às conspirações da embaixada norte-americana contra o presidente João Goulart. Assim como a invasão da Coreia do Sul pelos norte-coreanos ou a luta dos vietcongues no Vietnã não se devem apenas às determinações de Moscou. Os movimentos políticos sempre refletiram determinações sócio-econômicas intrínsecas às sociedades onde ocorreram e, embora os fatos mais decisivos da história contemporânea tenham ocorrido no hemisfério norte, também há uma história em curso no hemisfério sul. Sendo assim, o argumento de Aron contra o imperialismo soviético perde um pouco de força, dado que o comunismo transcende a diplomacia ou o militarismo soviéticos. Provas disso são as próprias cisões no movimento comunista internacional a partir de 1956, com a China quase entrando em guerra contra a Rússia e dando início a uma clivagem significativa no bloco comunista que perdurou até o fim da Guerra Fria. Aron também escreveu, entre 1952 (ano da publicação de *Os Comunistas e a Paz*) e 1955 o livro *O ópio dos intelectuais*. Esse livro, extremamente ácido, caiu como uma bomba no cenário intelectual francês da época e além da execração pública por parte dos pares (ou ímpares) em publicações como o *Le Monde* (apesar da acolhida que teve junto à direita e, sobretudo, no exterior), o livro quase lhe custou a sonhada cátedra de sociologia na Sorbonne. Sofreu forte oposição dos comunistas e simpatizantes, especialmente do departamento de geografia (Pierre George, Jean Dresch etc.). Os sociólogos durkheimianos também se opuseram, sob a liderança de Georges Gruvitch. Tudo isso fez com que Aron só fosse eleito no terceiro turno. Fato que também abriu as portas para que ocupasse posto no *Collège de France* no futuro. Um pequeno trecho, para se ter ideia do teor do polêmico livro:

O fim sublime justifica os meios odientos. Moralista contra o presente, o revolucionário é cínico na ação, fica indignado com as brutalidades policiais, o ritmo desumano da produção, a severidade dos tribunais burgueses, a execução de suspeitos cuja culpabilidade não seja demonstrada a ponto de não haver dúvidas. Nada, exceto uma humanização total, saciará sua sede de justiça. Mas decide aderir a um partido, o mais impiedoso possível, contra a desordem estabelecida, e então perdoará, em nome da Revolução, tudo o que denuncia incessantemente. O mito revolucionário faz uma ponte entre a intransigência moral e o terrorismo (apud WINOCK, 2000, p. 633).

Interessante mencionar a posição de Mounier também. O intelectual era o principal nome da citada revista *Esprit*. Mounier buscava uma terceira via, sobretudo no intuito de evitar uma terceira guerra mundial. Ao contrário de Aron, não tomou o partido de um dos lados e escreveu:

Nem a América, apesar do egoísmo de seus produtores, nem a URSS, apesar dos excessos de sua polícia e dos endurecimentos de seu socialismo, representam um anti-humanismo deliberado comparável ao nazismo. Encontramo-nos diante de uma democracia doente de dinheiro e de um socialismo doente de Estado (WINOCK, 2000, p. 587).

Esse humanismo virá, para ele, de uma Europa socialista, que conciliará a economia planificada com a defesa do homem e da liberdade democrática. Esse tipo de posição, neutra, tinha uma base social significativa na França, onde 42% das pessoas achavam que o país deveria apoiar o Ocidente, 4% que deveria apoiar o Leste e 43% que deveria permanecer neutra. Esses dados são de uma pesquisa do IFOP de 1952. Em 1955 a neutralidade chegou ao pico de 57%.

Muitos escreveram para o jornal *Le Monde* em favor dessa posição. Entre eles, o filósofo neotomista Étienne Gilson. Também havia o semanário *L'Observateur*, lançado em 1950 por Claude Bourdet, Roger Stéphane e Gilles Martinet, além das já citadas revistas *Esprit* e *Les Temps Modernes*.

5. Considerações finais

Essas são algumas considerações sobre um período turbulento do século XX, que permitem situar a filosofia do existencialismo marxista em seu contexto histórico. Uma época em que, no dizer de Raymond Aron: “A paz era impossível e a guerra improvável”.

Referências:

CAUTE, D. *Le Communisme et les intellectuels français*. Paris: Gallimard, 1967.

LOTTMAN, H. R. *A Rive Gauche; escritores artistas e políticos em Paris 1930-1950*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

WINOCK, M. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

Some considerations on French-speaking intellectuals and communism between 1914 and 1956

Abstract: The article focuses on the relations between French intellectuals and communism, between 1914 and 1956. In it, I discuss the history of French Communist Party's foundation, of the resistance, the beginning of the Cold War, with a focus on the participation of intellectuals in these events. Are included discussions of political and ethical imprint that arose for these people for decades, since the revolution until the immediate post-war. Issues such as engagement, neutralism, support for socialism, nature of the criticism that should be directed to Stalinism, positions assumed by cultural, philosophical movements, by the

magazines. All this is covered in some way in this article.

Keywords: Communism; Intellectuals; France; Cold War; Engagement.

Data de registro: 11/06/2012

Data de aceite: 05/09/2012